Weekend negocios

SEXTA
27.06.25

GARY STEVENSON

O crescimento tornou-se uma religião

Pedro Catarino

Weekend negocios

27.06.25

Sexta-feira | 27 de junho de 2025 | Negócios

A vida de **GARY STEVENSON** vai dar um filme. O youtuber britânico e ex-"trader" no Citibank cresceu em Ilford, no leste de Londres, a ver ao longe a sombra dos arranha-céus de Canary Wharf. "Esta é a história de como eu, de entre todos os miúdos que jogavam à bola e vendiam rebuçados debaixo dessas sombras, consegui um emprego no 'trading floor' do Citibank. É a história de como me tornei o 'trader mais lucrativo do Citibank – e é a história de como, depois disso tudo, saí", conta no livro "O Jogo dos Milhões", uma espécie de confissão. Sentiu-se esmagado pela loucura do dinheiro, despediu-se, criou o canal de YouTube Gary Economics e tornou-se ativista contra a desigualdade. No livro, Gary descreve ao pormenor os bastidores do mundo da alta finança e o que a precede. Diz que sempre foi uma carta fora desse baralho. "Em 2005, quando cheguei à universidade para estudar Matemática e Economia, não era um estudante típico da London School of Economics (LSE). Três anos antes, tinha sido expulso do liceu por vender 'cannabis' que valia exatamente três libras. Antes, formei uma banda de 'grime', mandei fazer uma camisola com capuz com 'MC Gaz' escrito à frente e 'Cadaverous Crew" em grandes letras estilizadas nas costas... Não me encaixei – o que não foi propriamente uma surpresa. Os oligarcas russos não comiam em tascas de frango frito halal. Os tipos de Singapura não percebiam o meu sotaque". Os detalhes sucedem-se num registo quase oral, em jeito de carrossel louco. Essa loucura atingiu um apogeu quando Gary recebeu o seu primeiro bónus milionário, conta na entrevista desta edição. "Tinha acabado de fazer 23 anos e esperava algo como 120 mil libras, o que já era muito. O prémio foi de 400 mil libras! Foi insano. Lembro-me de estar no escritório, prestes a chorar, sem perceber porquê. Saí à rua, sem casaco, era janeiro, fazia frio, sentei-me na relva a pensar no meu pai e nos pais dos meus amigos. Eu vivi quase sempre uma vida modesta... Sabes o que são 'scotch eggs'? São ovos cozidos envoltos em carne de salsicha. Na universidade, era o meu almoço – dois 'scotch eggs' por 75 pence no Tesco. Estava habituado a saltar refeições, a comprar o mais barato. Como tanta gente. De repente tinha 400 mil libras. Senti que aquilo me estava a afastar das minhas origens. Mas depois tive outro pensamento: e os outros tipos do escritório? Se eu ganhei 400 mil, quanto é que eles ganharam? Se há quem ganhe milhões, porque é que eu não hei de ganhar? É aí que começa a surgir uma certa justificação moral para a ganância."

Os serviços de informações portugueses estão a considerar desclassificar centenas de documentos do seu espólio, do período entre 1985 e 1990. O SIS estará a analisar documentação na área do contraterrorismo, o que inclui a fase final da atuação das Forças Populares 25 de Abril (FP-25), outros movimentos de extrema-esquerda e "atividades ilegais de serviços de informações estrangeiros em território nacional que operavam a soldo de potências inimigas, como a extinta União Soviética, no final da Guerra Fria". A decisão pode dar um novo impulso ao conhecimento da história recente do país, tal como aconteceu com os arquivos do Estado Novo, há 30 anos, escreve a jornalista Filipa Lino, no artigo **"FICHEIROS SECRETOS: O QUE FALTA SABER PARA ESCREVER A HISTÓRIA".** Raquel Beleza da Silva acaba de publicar o livro "Histórias de Vida da Luta Armada: antes e depois do 25 de Abril", pela Tinta-da-China. A investigadora integrada no Centro de Estudos Internacionais do Iscte-IUL tem-se dedicado a estudar diferentes formas de violência política e considera que a desclassificação destes arquivos do SIS "é um passo muito positivo e necessário" para "uma compreensão mais rigorosa e contextualizada destas organizações e do período em questão". Na sua investigação, a especialista em relações internacionais percebeu que ainda "existem lacunas documentais que dificultam uma análise completa". A abertura dos arquivos "pode preencher algumas dessas lacunas", diz. Boas leituras e bom fim de semana.



LÚCIA CRESPO
Editora

Luísa Correia Pereira (1945 – 2009)
1973





Pedro Gomes, Estarei sempre contigo, 1995



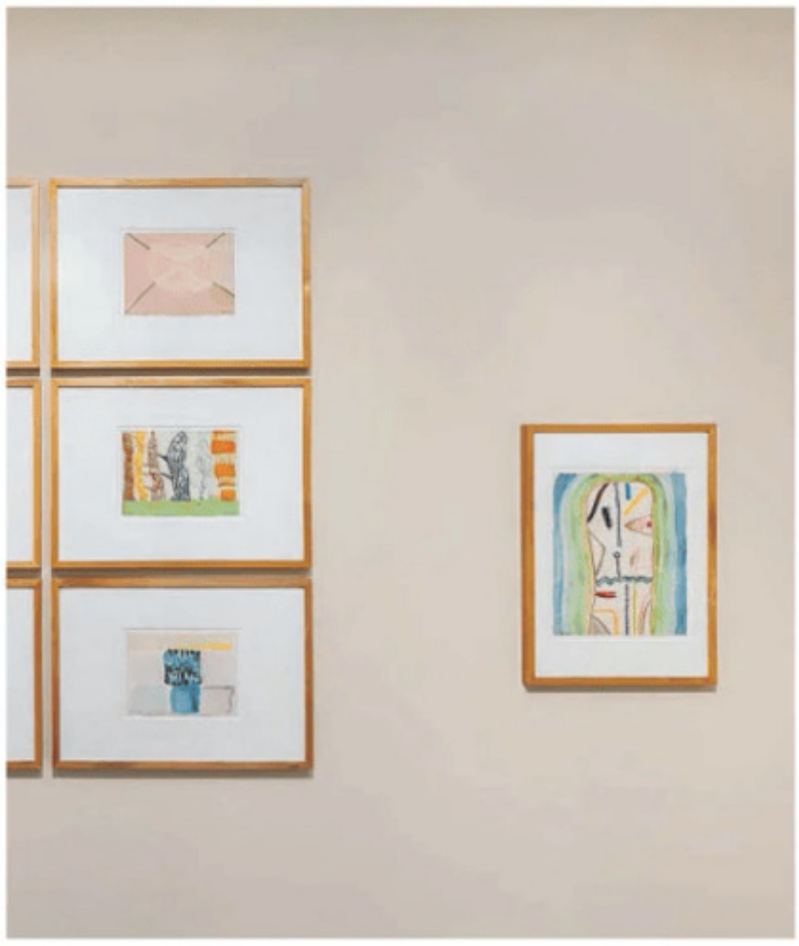
Ana Pérez-Quiroga – APQhome
#3 - Out of the Blue - 2017

EXPOSIÇÃO

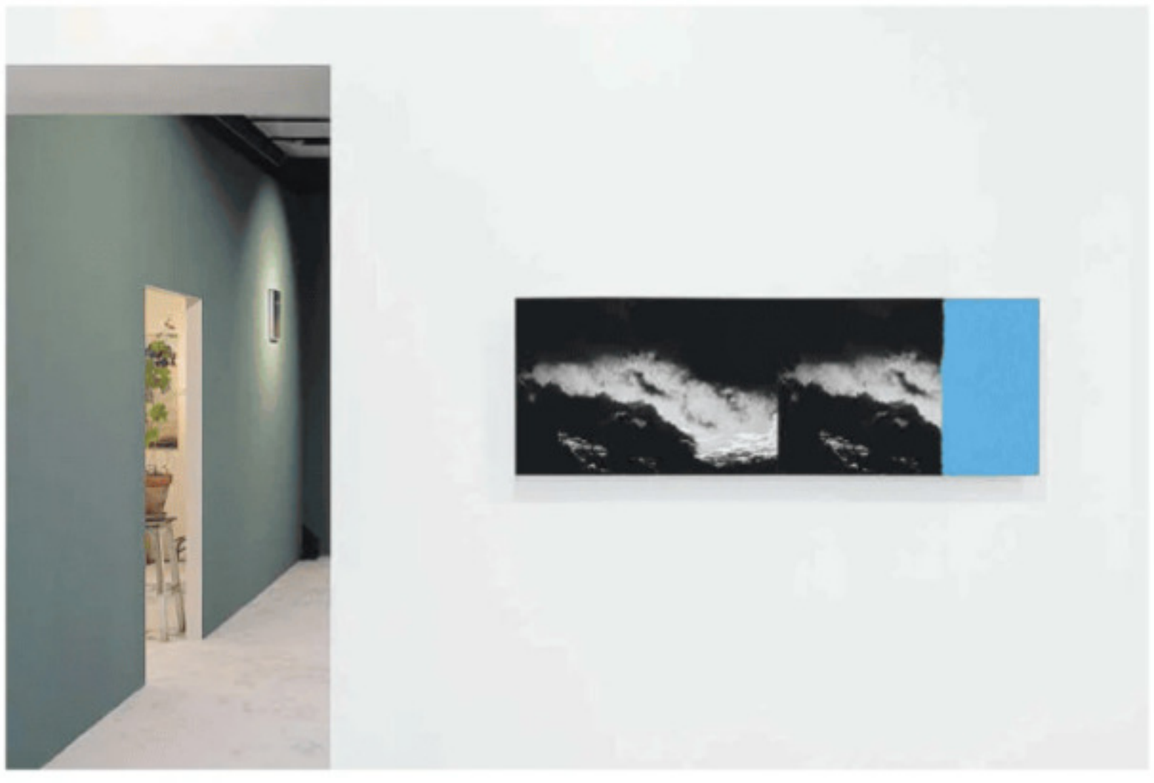
Pintar dias cinzentos



Tomás Colaço, As Três Idades da Árvore - Alegoria da Prudência Universal, 2017



O MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia inaugurou esta semana a exposição "lápis de pintar dias cinzentos", que reúne obras de 21 artistas portugueses. Com curadoria de Margarida Almeida Chantre, a mostra tem como título uma obra de Carlos Nogueira, datada de 1973, da qual faz parte um pequeno cartão com a seguinte frase datilografada: "quando me deste um lápis de cor – vermelho – que escrevia a cor-de-rosa um lápis de pintar dias cinzentos".



Carlos Nogueira
dia cinzento. pintado. 2024
Crédito fotográfico: Bruno Lopes

* COUVERT

POR AUGUSTO FREITAS DE SOUSA

Turno da Noite: mais do que um jantar

Passaram cerca de 100 anos desde que Lawrence Frank abriu o seu supper club (clube de refeições) na emergente Beverly Hills, o primeiro clube do mundo com esse nome onde se sucediam jantares requintados e música ao vivo. Hoje, na Europa, o conceito anda mais próximo da América Latina, dos restaurantes clandestinos ou de portas fechadas.

Luís Guerreiro, um dos quatro amigos organizadores do supper club Turno da Noite, em Lisboa, garante que é "uma experiência íntima, sazonal e irrepetível". O empresário explica que o jantar "acontece em locais inesperados – uma casa, um estúdio, um terraço, um antigo armazém –, com lugares limitados, menus fechados e uma comunidade à volta da mesa". Luís lembra que não há mesas individuais: "Aqui sentamo-nos todos juntos, partilhamos comida, histórias e copos", isto é, "para quem gosta de comer bem, conhecer novas pessoas e viver um serão fora do comum". No caso do Turno da Noite, cada edição tem um convidado especial na cozinha, uma localização secreta (revelada só a quem reserva), e um menu criado à medida.



Luís Guerreiro, que também gere o restaurante Bar das Colunas em Marvila, o bar Vira Lata no cinema São Jorge e o espaço Vira Casacas que ainda está a caminho, conta que os jantares do Turno da Noite surgiram em novembro de 2024 e passaram a acontecer todas as últimas terças-feiras do mês. Agora, já em velocidade cruzeiro, o clube conta com os seus membros que, para o serem, basta estarem num dos eventos. Luís salienta que "quem já veio pode voltar e ainda trazer alguém novo". Acrescenta que "há sempre um cozinheiro convidado, alguém com afinidade à cozinha e que seja criativo, talentoso, mas que não seja um profissional". Neste clube, com o empresário, estão o chef Pedro Abril, que acompanha os cozinheiros convidados, a amiga e sócia Patrícia Silva e ainda Filipa Teixeira.

Luís Guerreiro nasceu e cresceu em Lisboa, estudou gestão e, desde cedo, esteve ligado a vários projetos pessoais. Um deles, o Bar das Colunas, fundado em 1893, reabriu em 2019 pela sua mão, com a "vontade de trazer de volta a verdadeira comida portuguesa com qualidade". Chama-lhe "comida honesta" e tenta fazer a ponte entre a velha e a nova Lisboa sem ser "uma tasca moderna", mas antes "um restaurante português". Luís confessa que às vezes gostava que não fosse seu "para ser um habitué do Bar das Colunas".

> "AQUI SENTAMO-NOS TODOS JUNTOS, PARTILHAMOS COMIDA, HISTÓRIAS E COPOS", ISTO É, "PARA QUEM GOSTA DE COMER BEM, CONHECER NOVAS PESSOAS E VIVER UM SERÃO FORA DO COMUM".

Foi lá que nasceu o projeto do Turno da Noite, quando Luís e Patrícia falaram de "fazer coisas mais especiais, mais próximas, mão na massa como em casa, sem formalismos, para e com amigos". Recorda uma edição que decorreu numa obra que estava em curso onde sentaram pessoas em andaimes e transformaram sacos de cimento em bancos e mesas. Diz que "foi espetacular e as pessoas adoraram". Relativamente aos cozinheiros convidados, o empresário destaca que cada um "traz um universo diferente", com "liberdade total para fazer a sua cena". A ideia é "criar momentos que não se repetem, cozinhar com intenção, comer com calma, conversar sem pressa e agregar as pessoas à mesa". Revela que "o tema muda consoante o convidado", e é essa liberdade que quer manter. Para Luís Guerreiro, as razões que levam as pessoas a regressar ao supper club passam pela "intimidade, a surpresa e o cuidado em cada detalhe, além da comida e do lugar que mudam, e do espírito que se mantém". Não tem dúvidas: "Quem vem uma vez volta porque percebe que aquilo é mais do que um jantar". w

Sexta-feira | 27 de junho de 2025 | Negócios

GARY STEVENSON

O mundo está a ser comandado pelos filhos idiotas dos ricos

"Quem vem de onde eu vim só acredita na meritocracia se for muito ingénuo. Vivemos uma 'inheritocracia' – uma aristocracia a fingir que é meritocracia", diz o britânico Gary Stevenson, o "trader" que cresceu na periferia de Londres, a dar pontapés em bolas de futebol de espuma, já meio desfeitas, longe dos arranha-céus da City – mas já fascinado por números e previsões. "Andava sempre atrás das libras que não tinha. Com 12 anos, comecei a vender rebuçados na escola a um penny; aos 13, distribuía jornais, 364 dias por ano, por 13 libras por semana." Entrou na London School of Economics, onde conheceu sobretudo "meninos de boas famílias", como diz. Conseguiu um lugar no Citibank, ganhou milhões a apostar no fracasso da economia, sentiu-se esmagado pela loucura do dinheiro, despediu-se – e tornou-se ativista contra a desigualdade. Criou um canal de YouTube, o popular Gary Economics, e escreveu o livro "O Jogo dos Milhões"– uma espécie de confissão. A sua vida vai dar um filme.





LÚCIA CRESPO

PEDRO CATARINO



Quais são as maiores preocupações das pessoas que interagem consigo nas redes sociais?

Noto que estão muito preocupadas – trabalham imenso e sentem-se frustradas. Muitas vezes, quando publico mensagens com a intenção de incentivar alguma mobilização coletiva, recebo respostas do tipo: "não tenho tempo para isso". Dizem-me coisas como: "fuck politics", explica-me mas é como ganhar dinheiro. Há uma certa obsessão pelo dinheiro. E isso é compreensível – num mundo hostil, sentimos medo e tornamo-nos mais egoístas. Quando se vive com algum conforto, é fácil apelar à união. Mas quando a principal preocupação é pôr comida na mesa, é natural procurar soluções rápidas e individuais. Posso dizer que sou uma pessoa relativamente rica, mas venho de um meio pobre e sei o que é viver com essa insegurança.

Sente-se uma espécie de "cruzado" pela justiça económica?

Não era a minha intenção, mas é verdade que delineei uma estratégia para construir uma marca online centrada na minha história. Despedi-me do Citibank em 2014 e comecei a desenvolver a marca "Gary Economics" há quatro anos. Antes disso, trabalhei em "think tanks", como a New Economics Foundation, criei um site, voltei à universidade, fiz um mestrado, escrevi artigos... Durante algum tempo, movimentei-me na esquerda política, mas sentia que ninguém estava a fazer o que eu achava que era preciso. Cheguei a perguntar: "Onde estão os vossos 'youtubers'?" Havia – e há – essa lacuna. Decidi avançar. Com o tempo, acabei por construir esta imagem, quase como um "cruzado" pela justiça económica, sim. Mas, para ser honesto, não me sinto totalmente confortável neste papel.

Porquê?

Não sou o tipo de pessoa que cresceu a querer ser famoso. Quando era miúdo, queria ser rico e ter sucesso – mas não famoso. A fama é uma coisa estranha. Tenho 38 anos, vivi 37 desses anos como uma pessoa normal, anónima. Ontem saí à noite em Lisboa e as pessoas reconheciam-me. Aconteceu também no Porto – um tipo abordou-me na rua e até tinha o meu livro na mochila. É surreal! Em dezembro, fui reconhecido por vietnamitas no Vietname. Em Londres, acontece com frequência. Isso deixa-me ansioso. Dizem-me muitas vezes: "Não desistas, estamos a contar contigo." Isso é bom, mas também um grande peso. Ainda assim, tudo resultou de uma estratégia deliberada e, na verdade, bem-sucedida.

Uma certa provocação fará parte da estratégia. No livro, diz que a dada altura a sua carreira deixou de ser uma carreira: "A partir daí, fui assaltar bancos"...

É uma frase do livro em que sou intencionalmente dramático – não quer dizer que não seja honesto. Refiro-me ao momento em que recebi o meu primeiro bónus. Tinha acabado de fazer 23 anos e esperava algo como 120 mil libras, o que já era muito. O prémio foi de 400 mil libras! Foi insano. Lembro-me de estar no escritório, prestes a chorar, sem perceber porquê. Sentia que nada daquilo fazia sentido. "Devia" estar feliz, mas não estava. Saí à rua, sem casaco, era janeiro, fazia frio, sentei-me na relva a pensar no meu pai e nos pais dos meus amigos. Eu vivi quase sempre uma vida modesta... Sabes o que são "scotch eggs?" São ovos cozidos envoltos em carne de salsicha. Na universidade, era o meu almoço – dois "scotch eggs" por 75 pence no Tesco. Estava habituado a saltar refeições, a comprar o mais barato. Como tanta gente. De repente tinha 400 mil libras. Foi um choque. Hoje consigo entender: senti-me culpado, senti que me estava a afastar das origens. Mas depois tive outro pensamento: e os outros tipos do escritório? Se eu ganhei 400 mil,

continua

Muitos ricos acham que os pobres são estúpidos.

continuação

quanto é que eles ganharam? Se há quem ganhe milhões, porque é que eu não hei de ganhar? É aí que começa a surgir uma certa justificação moral para a ganância.

Sentiu-se culpado, então?

Não sei se era exatamente culpa. O certo é que, a partir daí, a minha vida mudou. Até então, não fazia ideia do dinheiro que aquelas pessoas ganhavam. Naquele momento, percebi que havia muito mais desigualdade no mundo do que alguma vez imaginei. De repente, toda a pobreza em que cresci parecia quase uma piada. Há pessoas como eu, como o meu pai, como os pais dos meus amigos, que trabalham imenso... e recebem quase nada. Há quem salte refeições. E depois há tipos a ganhar dois milhões de libras. Ou cinco. Ou dez. Antes disso, eu pensava que as pessoas "ricas" ganhavam, sei lá, cem mil libras. Não fazia ideia de que havia tipos com pouco mais de vinte anos a fazer milhões.

O Gary também fez milhões a apostar no colapso da economia global?

Bem, em 2009, apostei na recuperação da economia. Foi só em 2011 que comecei a apostar num colapso económico de longo prazo. No final de 2009, só tinha 18 meses de experiência no Citibank. Ainda não sabia bem o que estava a fazer. Mas, no final de 2011, era uma pessoa completamente diferente. Vivi muita coisa nesses dois anos.

Como gere o seu dinheiro hoje? Está a ficar rico de novo?

Ganhei bastante dinheiro quando tinha vinte e poucos anos – e depois despedi-me. Tinha o suficiente para viver confortavelmente sem precisar de trabalhar. Voltei a ter uma vida bastante comum. Na verdade, nunca levei uma vida luxuosa. Não ando por aí com um Rolex no pulso. As pessoas tendem a pensar: "Ah, o Gary é mesmo rico." E sim, sei que sou mais rico do que a média das pessoas. Mas despedi-me aos 27 anos. E, nesse período, a minha saúde mental estava mesmo mal. Tinha medo de não conseguir voltar a trabalhar. Na altura, tinha cerca de dois milhões e meio de libras. É muito dinheiro – claro. Mas se pensarmos em casar, ter filhos, comprar uma casa e viver sem trabalhar... dois milhões pode já não ser assim tanto. Tive de ajustar o meu estilo de vida e aceitar que já não trabalharia por dinheiro, mas por aquilo em que acredito. Agora estou a começar a ganhar algum novamente – mais do que a média, mas muito menos do que antes. Vem sobretudo do livro e do YouTube E, durante a pandemia, voltei a negociar, voltei a fazer algumas operações.

Estava habituado a saltar refeições, a comprar o mais barato – como tanta gente. De repente, tinha 400 mil libras na conta. Foi um choque.

Nunca deixou de ser "trader"?

Fiz algumas operações no final de 2018 e, quando a pandemia começou, apostei mais. Percebi que viria aí uma crise inflacionária, um aumento do custo de vida e da desigualdade. Falei sobre isso no meu primeiro vídeo em 2020 e num artigo no The Guardian ("I made millions out of the last debt crisis. Now the wealthy stand to win again"). Mas a reação dos mercados e da economia foi diferente. No início, por exemplo, acreditavam que o preço do ouro iria cair. Pensei exatamente o contrário: os governos do mundo inteiro iriam distribuir biliões de dólares, os ricos ficariam ainda mais ricos e o preço do ouro dispararia. Comecei a comprar ouro em março de 2020. Ao mesmo tempo que voltei a negociar, comecei também a escrever nos media, fiz as duas coisas em paralelo.

As duas atividades não colidem?

Para mim, não. O "trading", a escrita e os vídeos no YouTube são faces da mesma moeda – é essencialmente o mesmo trabalho. Do meu ponto de vista, o "trading" implica, essencialmente, perceber a economia. Fazer vídeos no YouTube é também entender a economia. Assim como escrever artigos. Acho que, se escrevemos sobre o tema, mas não negociamos, temos menos credibilidade. É a diferença entre o jogador que está em campo e o comentador que está ao microfone. É por isso que os "traders" geralmente não dão muita atenção a opiniões de quem não é "trader".

Não encara, então, "os mercados" como vilões?

Não – e não quero ser mal interpretado. Ainda falo com muitas pessoas que menciono no livro. Conversamos sobre o estado da economia, digo-lhes que está tudo a colapsar, e a reação instintiva é sempre: "Certo, e como se ganha dinheiro com isso?" Isto diz muito. É uma mentalidade pouco saudável. Mas a verdade é que estive dentro desse mundo: estudei na London School of Economics, em Oxford, trabalhei em "think tanks", escrevi para meios especializados. Conheço economistas, académicos, políticos, jornalistas – e, honestamente, os únicos que tentam mesmo perceber o que está a acontecer, e que muitas vezes acertam, são os "traders". É um facto. Os políticos querem ganhar eleições. Os "think tanks" promovem agendas – sejam de esquerda ou de direita. Os académicos querem publicar artigos "matemáticos". Os jornalistas querem cliques. Os únicos que são pagos para estarem certos... são os "traders". No fundo, são os únicos que têm um incentivo real para perceber a realidade. Ouve: tu podes escrever um artigo excelente, mas se ninguém o ler é um fracasso. Isso aplica-se a tudo. Os "traders" só ganham dinheiro se tiverem razão.

Ganhar dinheiro no "trading" não é apenas estar certo, "mas estar certo quando todos estão errados..."?

E é essa capacidade que falta nos governos. Estas pessoas sabem identificar onde e por que razão os programas falham. Precisamos destes tipos, que realmente tentam compreender os problemas. E, neste momento, essa gente não está no poder. Claro que ninguém defende um governo composto só por "traders", mas precisamos de alguns. São os mais capacitados para encontrar soluções, assim como antigos "hackers" são os mais aptos para construir sistemas digitais seguros. A lógica é a mesma.

Diz também que, hoje em dia, os economistas são sobretudo matemáticos.

Os economistas estão errados e continuam a sobrestimar o poder da política monetária, ou seja, a achar que só mexer nas taxas de juro chega para estimular a economia. Essa estratégia tem-se revelado um fracasso. Precisamos é de olhar com atenção para a distribuição de riqueza. A desigualdade vai continuar a crescer se não forem tomadas medidas concretas. Temos de travar essa tendência. Caso contrário, os nossos padrões de vida vão continuar a deteriorar-se.

Notou mudanças no ensino da economia quando voltou à universidade?

Pouco mudou e, na verdade, a economia tornou-se mais matemática – houve uma mudança para a econometria. Os economistas tornaram-se ainda mais desligados da realidade. Claro que a matemática não é inútil, mas facilmente perde o contacto com o mundo real. Dou um exemplo. Quando estava em Oxford, perguntei a um professor por que razão o consumo tinha recuperado tão pouco depois da crise de 2008. Ele respondeu: "Não sabemos ao certo. Pode ter havido um choque exógeno que afetou as preferências de



poupança e consumo." Ora, "choque exógeno" é só um termo técnico – quer dizer que algo fora do modelo mudou. Mas isso é uma loucura. Vive-se tanto dentro dos modelos que, quando o mundo real não encaixa, dizem que foi o mundo que mudou "fora do modelo". Como se isso explicasse alguma coisa. O mundo não é um modelo.

Defende que o atual sistema económico transfere riqueza dos pobres para os ricos. Qual o mecanismo mais eficaz para quebrar este ciclo?

Passa mesmo por taxar os mais ricos. Muitas vezes, pensamos na tributação quase exclusivamente como imposto sobre o rendimento. Mas os muito ricos não vivem do rendimento do trabalho. A sua riqueza vem de heranças, mais-valias, juros, dividendos... Nenhuma destas fontes é classificada como "rendimento" em termos fiscais. O sistema fiscal está completamente desajustado. Uma pessoa comum pode pagar entre 50% e 60% de impostos sobre o que ganha com o trabalho, enquanto há bilionários a herdar 10 mil milhões de libras sem pagarem quase nada. É absurdo.

Não precisamos de mais pessoas ricas, em vez de lhes aumentar os impostos?

Precisamos de mais pessoas moderadamente ricas e de menos bilionários. Este é um jogo de palavras, claro. Se estamos a falar em criar uma enorme quantidade de riqueza por milagre, força – podemos chamar o Gandalf, o Jesus, e transformar água em vinho. Mas o problema é que essa ideia – "precisamos de mais ricos" – representa a ideologia económica dominante, que é só fazer crescer a economia. E não é assim tão simples. Se fosse só criar mais rique-

continua

A baixa mobilidade social não é apenas uma injustiça moral – é um desastre funcional.

continuação

za, já todos seríamos ricos. O crescimento económico é ótimo, mas está realmente a funcionar? O PIB é muito maior do que há 50 anos, mas a vida não está a melhorar para muita gente. O crescimento tornou-se quase uma religião. Dizemos "crescimento" e pensamos que resolvemos tudo. Mas metade das pessoas no meu país não consegue muitas vezes alimentar os filhos. Recentemente, o Partido Trabalhista lançou um cartaz com o slogan "Growth, Growth, Growth" – só isso, sem conteúdo real. Essa é a ideologia económica atual: só crescer. E, geralmente, as pessoas que têm esta conversa fazem parte da minoria privilegiada.

Qual a alternativa ao crescimento?

O que quero são melhores padrões de vida para todos. Não sou contra o crescimento económico, mas, se nos focarmos apenas nisso, não resulta. O problema é que as condições de vida deixaram de ser uma prioridade. Com a desigualdade a crescer, os padrões de vida melhoram só para quem está no topo.

Podemos falar de "riqueza extrema", a par de pobreza extrema?

Em Londres, o sítio onde cresci costumava ser um bairro de classe média-baixa, de gente trabalhadora, com uma vida modesta, mas digna. Os meus pais eram pobres, mas conseguiam comprar uma casa, sustentar a família, pagar o empréstimo e pôr comida na mesa. Agora, é uma miséria. Há mais pobreza, as pessoas não conseguem pagar a renda; vemos duas ou três famílias a partilhar a mesma casa. Tudo isto acontece enquanto uma minoria vê as suas condições de vida a melhorar. Basta darmos uma volta pelos bairros ricos de Londres, como West End, Chelsea ou Kensington, para vermos os hotéis de luxo cheios e os restaurantes caros sempre esgotados.

Pessoas ultrarricas como Elon Musk são sintomas ou causas da crise?

As duas coisas. São sintomas de um sistema desequilibrado e ao mesmo tempo reproduzem esse sistema. Não gosto de apontar o dedo a uma pessoa específica. Não se trata de culpar o Elon Musk enquanto indivíduo. O problema é o modelo que permitimos que aconteça. Imaginemos que Musk vale 300 mil milhões de dólares. Provavelmente já é mais (tem a fortuna avaliada em mais de 420 mil milhões de dólares). Qual será o rendimento passivo disso? Uns 5% ao ano? Isso dá 15 mil milhões por ano – mais de 1 mil milhão por mês, só por existir. E quanto é que uma pessoa consegue realmente gastar por mês? Talvez um milhão, vivendo como um rei. Talvez dez milhões, se exagerarmos. Mas sobram centenas de milhões todos os meses. O que se faz com esse dinheiro? Compram-se ativos, propriedades. Se permitirmos que os super-ricos enriqueçam e não os taxarmos, eles próprios não têm outra escolha senão "absorver" toda a riqueza. Se não os taxarmos, é inevitável que, ao longo do tempo, fiquem com uma fatia cada vez maior da riqueza – e quem perde é a classe média. Por isso digo: não é uma questão de indivíduos – é uma questão de política. Se não taxarmos indivíduos como Musk, esses tipos vão controlar cada vez mais a economia. Não por serem más pessoas, mas porque é assim que o capital funciona. E quem perde? Não são só os que vivem na pobreza – é a classe média e as empresas locais que são empurradas para fora, compradas ou esmagadas.

Conta que, no 2.º ano da universidade, as pessoas de repente sabiam quem era. Estava a tirar boas notas. "Um colega meu disse-me amavelmente: 'De ti, ninguém está à espera disto'". Os mais ricos não esperam que os pobres sejam inteligentes?

Muitas pessoas ricas – consciente ou inconscientemente – partem do princípio de que os pobres são estúpidos. Assumem que, se viemos do nada, é porque não somos nada. Eu não falo da pobreza como quem a observa de fora – vivi-a. E há 20 anos que analiso como este sistema se reproduz. Passei por lugares de elite – na alta finança, na universidade, na academia – e, nesses lugares, quase ninguém veio de onde eu vim. Porquê? A resposta é simples: os ricos acham que sou burro. É a história que contam a si próprios para justificarem tudo. A verdade é que o mundo está a ser comandado pelos filhos idiotas dos ricos. Mas, claro, se o teu pai é rico, não queres acreditar que ele teve apenas sorte. Pensas que é rico porque é um génio. E que tu também és um génio. Que mereces. Então inventas uma narrativa: "sou um empreendedor". Vi isto vezes sem conta na London School of Economics. Vi filhos de ricos – que não eram nada brilhantes – a herdarem empresas dos pais. Um amigo meu foi contratado pelo filho de um bilionário para criar uma marca de moda. Não vende nada. Dá prejuízo todos os anos. Mas isso não interessa. Porque o dinheiro nunca acaba. E ele anda por aí a dizer que é "designer de moda". É absurdo. E não é um caso isolado. Outro exemplo: um pai milionário comprou um salão de beleza para a filha, em Chelsea. Pagou o imóvel a pronto. E agora ela apresenta-se como "empresária de sucesso". Isto não é empreendedorismo. É faz de conta. É por isso que a baixa mobilidade social não é apenas uma injustiça moral – é um desastre funcional. Quando a mobilidade social é fraca, os cargos de responsabilidade são ocupados por incompetentes. Num sistema com verdadeira mobilidade social, os melhores chegam aos lugares de topo. Como a mobilidade é quase nula, são os mais bem relacionados que sobem – e isso significa que estamos a ser governado por palhaços. A mobilidade social não serve apenas para proteger os pobres. Serve para proteger o país... dos idiotas.

Os ricos gostam de si...?

Alguns não. Outros percebem – os inteligentes. Quem parar para pensar, reconhece que o sistema está viciado. E não se trata de ricos contra pobres – trata-se da mentira em que vivemos. E a mentira é a meritocracia. Nunca acreditei na meritocracia. Basta olhar para quem está no poder. Basta observar a competência dessas pessoas. Parecem os melhores? Parecem génios? Não. Parecem exatamente aquilo que são: os filhos dos ricos. Quem vem de onde eu vim, só acredita na meritocracia se for muito ingénuo.

Se a meritocracia e a mobilidade social não funcionam, que conselhos dá aos jovens, especialmente aos que vêm de famílias mais pobres?

Existe uma espécie de meritocracia em pequena escala. Por exemplo, se dois irmãos forem diferentes – um "preguiçoso" e outro trabalhador –, o que trabalha arduamente pode conseguir melhores resultados. Mas a verdade é que, se uma casa custa um milhão de euros, provavelmente um jovem de uma família pobre nunca conseguirá comprar uma casa nem alcançar o mesmo que alguém de uma família rica. Portanto, a meritocracia existe numa escala muito pequena. Se viermos de uma família pobre, a menos que trabalhemos muito, dificilmente vamos conseguir pagar uma habitação de qualidade ou formar uma família. Mas, mesmo que a meritocracia não seja real, temos de trabalhar muito só para conseguirmos o básico. Subir na vida é extremamente difícil, porque grande parte do lugar onde chegamos depende do lugar onde nascemos. Estudei numa "grammar school" – escolas públicas seletivas onde os alunos entram através de exames. Havia muitos alunos de classe média, mas os filhos de famí-

Os únicos que são pagos para realmente estarem certos... são os "traders".



lias mais pobres não conseguiam comprar casa. Viam as famílias ricas comprar casas e questionavam: "O que estou a fazer de errado? Porque é que eles conseguem e eu não? A resposta é simples: muitos jovens ricos recebem uma ajuda de 500 mil libras dos pais. Claro que não publicam no Instagram "Comprei esta casa com 500 mil libras que os meus pais me deram". O que temos é uma "inheritocracia" – uma aristocracia a fingir que é meritocracia. Isto faz com que os pobres se sintam um lixo, porque trabalham muito e não têm retorno. E os filhos das famílias ricas pensam que são melhores ou mais inteligentes, mas só vingam porque receberam dinheiro dos pais. Vamos ser honestos: o capitalismo como o conhecíamos acabou. Isso não significa que não precisemos de trabalhar muito – se não trabalharmos, morremos. Mas precisamos de algo diferente; precisamos de um sistema que funcione para todos.

Que sistema?

Um Estado social forte, uma rede de segurança que proteja toda a gente. Defendo uma meritocracia real, com mobilidade social verdadeira – onde quem trabalha arduamente seja recompensado com justiça e tenha a oportunidade de prosperar.

Gostaria de fundar um partido político?

Eu não quero ter um partido político.

Tem flutuado na esquerda política. Onde se posiciona exatamente?

Quero mudar o panorama económico e sei que, para isso, preciso de me envolver com a política. Acredito no poder de influenciar a opinião pública, mas, sendo realista, também é preciso pressionar diretamente os políticos. No Reino Unido, criar um novo partido é quase impossível, por isso, para mudar políticas, provavelmente terei de influenciar o Labour – embora não queira juntar-me ao partido nem ser deputado. O meu plano A é tornar o meu canal no YouTube tão popular que possa influenciar a política – é quase uma espécie de "plano Murdoch": Rupert Murdoch nunca foi deputado, mas tem imenso poder político. Espero sinceramente não ter de me tornar político; já acho difícil lidar com a exposição como "youtuber", quanto mais com o escrutínio brutal da política. Para já, vou continuar a falar diretamente com as pessoas nas redes sociais e, ao mesmo tempo, tentar contribuir para mudanças políticas.

São esses os seus planos para o futuro?

Estou a concluir um plano de três anos, que correu muito bem, mas estou bastante cansado. Quero continuar a crescer no canal no YouTube e o meu objetivo é chegar a "think tanks", partidos políticos, economistas, celebridades e influenciadores, para tentar incentivar outras pessoas a fazer um trabalho semelhante ao meu. Sinto que estou a carregar demasiado peso nos ombros, e isso não é bom para a minha saúde mental. Quero que outras pessoas façam o que estou a fazer. Há mais hipóteses de sucesso se eu não for uma voz solitária. Acredito que a esquerda devia estar a fazer mais campanhas sobre a desigualdade – nas redes sociais, de uma forma pessoal e envolvente. Se olharmos para o que aconteceu com a direita, especialmente com a "alt-right" nos EUA, percebemos que tiveram um enorme sucesso com esta estratégia: muito online, baseada em "influencers", celebridades, de forma pessoal e direta. Podemos chamar-lhe populismo, como quiseres, mas funciona. Sabemos que as redes sociais estão a tornar-se cada vez mais poderosas na política e, nesse campo, a direita e a extrema-direita estão muito à frente da esquerda e do centro. Por isso, a menos que outros grupos fora da direita e extrema-direita comecem a envolver-se de forma significativa em plataformas como o YouTube, Instagram e TikTok, a extrema-direita vai continuar a ganhar eleições. E sabemos que os partidos da extrema-direita são financiados por bilionários, e que isso aumenta ainda mais a desigualdade. w

Vamos ser honestos: o capitalismo como o conhecíamos acabou.

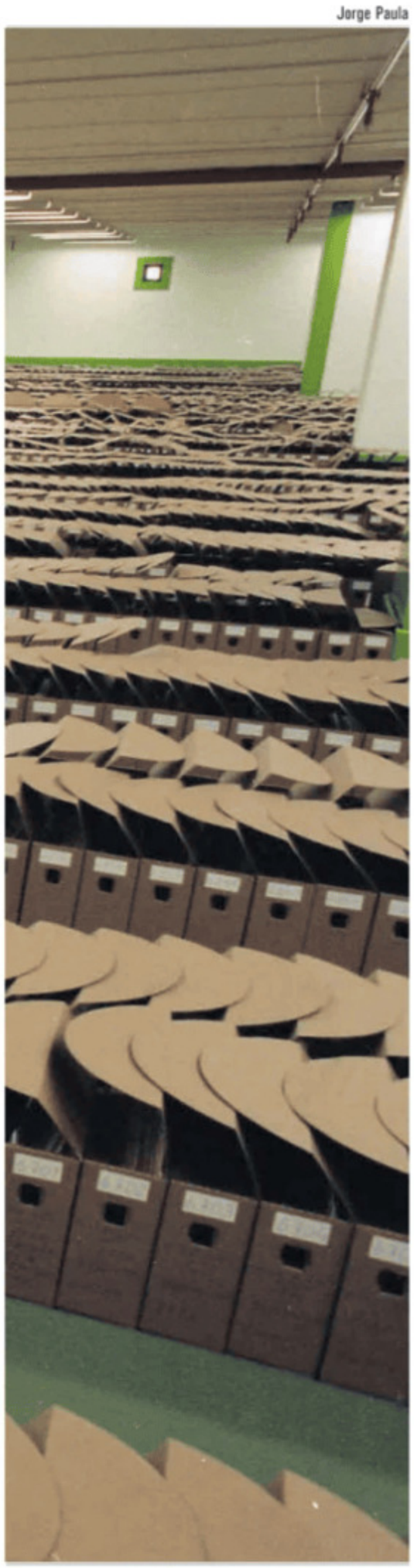
ANÁLISE



Os arquivos da PIDE/DGS, constituídos por cerca de seis quilómetros de papéis, estão na Torre do Tombo. A sua abertura, em 1994, suscitou um intenso trabalho de investigação que já permitiu a produção de muitos trabalhos académicos e jornalísticos, livros, documentários, séries e filmes. Sem estes arquivos, "era muito difícil fazer a história do Estado Novo", afirma Luís Trindade, diretor do Instituto de História Contemporânea.

Ficheiros secretos o que falta saber para escrever a história

Jorge Paula





Salvador Ribeiro

Em dezembro de 1981, as Forças Populares 25 de Abril (FP-25) reivindicaram um atentado com um engenho explosivo junto à 31.ª esquadra da PSP, no Rêgo. A documentação dos Serviços de Informações sobre a atuação deste movimento terrorista de esquerda poderá ser desclassificada em breve, juntamente com centenas de outros documentos do seu espólio, do período entre 1985 e 1990, que não coloquem em causa a segurança nacional.



Hugo Correia



D.R.

Os documentos oficiais escritos continuam a ter uma enorme relevância para o estudo da história contemporânea, apesar de os investigadores contarem também, nalguns casos, com os testemunhos orais e registos audiovisuais. Por isso, cada vez que surge o anúncio de que um arquivo vai ser desclassificado, a comunidade científica rejubila. O Vaticano abriu uma parte do seu arquivo secreto, Trump divulgou milhares de ficheiros do assassinato de JFK e, em Portugal, surge agora a notícia de que os Serviços de Informações estão a avaliar a desclassificação de documentos do seu espólio entre 1985 e 1990. A decisão pode dar um novo impulso ao conhecimento da história recente do país, tal como aconteceu com os arquivos do Estado Novo, há 30 anos.

FILIPA LINO
flino@negocios.pt

Há um ano de ouro para a história contemporânea portuguesa - 1994. Foi nessa data que a Assembleia da República aprovou uma lei que desclassificou os documentos associados ao regime anterior ao 25 de Abril. Essa abertura dos arquivos, ainda que com algumas restrições, "foi um momento importante para a história do país", recorda Silvestre Lacerda, antigo diretor da Torre do Tombo. A partir dessa documentação, houve um salto no conhecimento do Estado Novo que fez disparar a produção científica, jornalística, literária e até de séries de televisão e filmes.

"Portugal assumiu praticamente a vanguarda nesse processo de desclassificação de documentos porque os outros países europeus têm leis mais restritivas em termos de tempo. Em França, por exemplo, ainda hoje há muita dificuldade em aceder aos arquivos do Governo de Vichy ou da guerra da Argélia", refere a título de exemplo.

Agora, podemos estar prestes a viver mais um momento determinante para o conhecimento da história recente do país. De acordo com uma notícia do Expresso de 29 de maio, os serviços de informações portugueses estão a considerar desclassificar centenas de documentos do seu espólio, do período entre 1985 e 1990, que não coloquem em causa a segurança nacional. O Negócios tentou apurar junto do SIS que documentos em concreto estão em causa, quando e onde ficarão disponíveis para consulta e se haverá restrições de acesso, mas não obteve resposta até ao fecho desta edição.

A notícia do Expresso, que cita fontes conhecedoras do processo, avança que o SIS está a analisar documentação na área do contraterrorismo, o que inclui a fase final da atuação das Forças Populares 25 de Abril (FP-25), outros movimen-

continua

continuação

tos de extrema-esquerda e "atividades ilegais de serviços de informações estrangeiros em território nacional que operavam a soldo de potências inimigas, como a extinta União Soviética, no final da Guerra Fria".
Um dos nomes que deverá constar nesses documentos é o da médica Isabel do Carmo, que nessa altura fazia parte da Comissão Pró-Amnistia para os presos das FP-25 de Abril. Antes disso, pertenceu ao grupo de extrema-esquerda Partido Revolucionário do Proletariado-Brigadas Revolucionárias (PRP-BR), de que foi fundadora. Esteve presa entre 1978 e 1982, por alegada cumplicidade e encobrimento em assaltos a bancos, acabando depois por ser absolvida.

Nos últimos tempos, há um crescente interesse por parte de historiadores e outros investigadores sobre estes temas dos movimentos de esquerda antes e após o 25 de Abril, diz. A maior parte das vezes com "boa intenção". Mas teme que abrir esses documentos, no contexto político atual, possa "dar lenha aos discursos do Chega". Esse mexer no passado pode ser aproveitado para "levantar outra vez a ideia do terrorismo de esquerda". Apesar disso, defende que os arquivos devem ser estudados.

As FP-25 são um processo "bastante traumático para a sociedade portuguesa, tanto à esquerda como à direita", considera Luís Trindade, diretor do Instituto de História Contemporânea (IHT). Até há 10, 20 anos, "as coisas ainda eram encaradas de uma maneira muito militante". Talvez agora já se comece a olhar para este fenómeno "de uma maneira um bocadinho mais distanciada", defende o historiador.

Raquel Beleza da Silva acaba de publicar o livro "Histórias de Vida da Luta Armada: antes e depois do 25 de Abril", pela Tinta-da-China. A investigadora integrada no Centro de Estudos Internacionais do Iscte-IUL tem-se dedicado a estudar diferentes formas de violência política e considera que a desclassificação destes arquivos do SIS "é um passo muito positivo e necessário" para "uma compreensão mais rigorosa e contextualizada destas organizações e do período em questão".

A distância temporal de quase quatro décadas "permite agora uma análise mais objetiva, sem comprometer questões de segurança nacional contemporâneas". Na sua investigação, a especialista em relações internacionais percebeu que ainda "existem lacunas documentais que dificultam uma análise completa". A abertura dos arquivos "pode preencher algumas dessas lacunas", diz.

Estes ficheiros do SIS podem ajudar a "ultrapassar ideias feitas e erradas", diz a historiadora Irene Flunser Pimentel.

UMA QUESTÃO DE SENSIBILIDADE

Os documentos "sensíveis" podem ter diferentes graus de classificação – muito secreto, secreto, confidencial e reservado –, de acordo com a normas e princípios estabelecidos para garantir a proteção de informações classificadas no contexto da segurança nacional em Portugal. O segredo de Estado é o mais excecional de todos e há poucos documentos assim classificados, disse fonte conhecedora destes procedimentos administrativos ao Negócios.

No caso dos Serviços de Informações, toda a documentação produzida no âmbito da sua atividade está automaticamente classificada como segredo de Estado, por força da lei. E só pode ser desclassificada por iniciativa das próprias "secretas".

Esta é, por isso, uma boa notícia para os historiadores. "A nossa vontade é que abram e com a maior liberdade possível, porque estes arquivos de Estado são muitas vezes absolutamente preciosos para se fazer história", afirma Luís Trindade.

Os documentos das polícias, em particular, trazem um manancial de informação, por duas razões. "A polícia, por natureza, está atenta à sociedade, sobretudo a espaços e comunidades menos visíveis e, em segundo lugar, escreve muito."

Foi o que aconteceu com os arquivos da PIDE, por cuja abertura os historiadores muito se bateram. "Enquanto polícia política, a PIDE era um instrumento infame do Estado Novo, mas, ao mesmo tempo, deixou material importante para percebermos o que era esta máquina estatal e como funcionava a sua vigilância sobre a sociedade". Isso "entusiasmou os historiadores porque ajudou a descobrir muitas coisas" e também permitiu "perceber o horror da vigilância e da tortura". Sem isso, "era muito difícil fazer a história do Estado Novo".

Irene Flunser Pimentel é uma das historiadoras que mais estudou os arquivos do Estado Novo, sobretudo o da PIDE. Defende que não existe perigo em abrir o acesso aos documentos do SIS no período de 1985 a 1990.

"Considero que, a partir do momento em que um processo termina, é história contemporânea", responde. "O processo das FP-25 acabou. Não há resquícios. E, em relação aos espiões estrangeiros, acontece a mesma coisa. A Guerra Fria foi um processo que também terminou em 1989/1990". Por isso, não vê motivos para não serem abertos.

Pelo contrário, estes documentos podem ajudar a "ultrapassar ideias feitas e erradas", tal como aconteceu com os arquivos do Estado Novo, que deitaram por terra, por exemplo, a ilusão "de que não havia políticos corruptos na ditadura".

A grande questão que se coloca é a existência de descendentes dos visados nos documentos. "É por isso que a Torre do Tombo ou os arquivos nacionais optam por, ainda hoje, não disponibilizar todos os documentos a historiadores, investigadores ou jornalistas. Por exemplo, os documentos dos informadores da PIDE continuam a ser classificados. Não há uma lei sobre isso. É uma decisão da própria Torre do Tombo, que era justificada na altura, quando os arquivos foram abertos em 1994, mas que, 50 anos depois [dos factos], já não faz sentido".

Quando fez a investigação sobre a PIDE não a deixaram ver os cadastros que vinham desde o tempo da PVDE. "Com muita luta, acabei por conseguir vê-los, numa sala à parte, escondida, durante seis meses, porque não pretendia obter os nomes dos presos, mas sim recolher informação para fins estatísticos".

AINDA HÁ MUITO PARA SABER SOBRE A GUERRA

Há arquivos da guerra colonial que não estão disponíveis, apesar da pressão de muitos historiadores e investigadores. Os ficheiros das Forças Armadas ainda têm muito material que vai dar "pano para mangas", refere a historiadora. Na Marinha, por exemplo, já começaram a ser desclassificados muitos documentos do Arquivo Histórico, desde que, em 2017, aquele ramo militar criou a Comissão de Desclassificação de Documentos, relativos a operações militares na Guerra Colonial ou à saída de Timor-Leste.

No caso das FP-25, sendo um período mais recente, ainda há pessoas vivas que estiveram envolvidas e vítimas, assim como as suas famílias. Mas a questão é que "o processo decorreu em democracia, com informação". De facto, "todos eles já apareceram nos jornais, foi tudo publicado, o julgamento decorreu e depois houve uma amnistia política". Uma situação diferente do que acontecia antes do 25 de Abril, em que havia a censura.

Para as suas investigações, Irene Flunser Pimentel já teve também de consultar os arquivos da CIA, nos EUA. Os documentos que consultou estão online e a inteligência americana "tem a liberdade de riscar determinadas frases" alegando razões de segurança. Eventualmente, "poderá acontecer o mesmo com os documentos do SIS", admite.

Na campanha eleitoral, Donald Trump prometeu abrir mais uma parte dos arquivos relativos à morte do Presiden-



"A Igreja não tem medo da História", disse o Papa Francisco em 2019 quando anunciou a desclassificação dos dossiês no Arquivo Secreto do Vaticano (hoje Arquivo Apostólico do Vaticano) referentes ao pontificado do Papa Pio XII, entre 1939 e 1958. O líder da Igreja Católica no tempo da II Guerra Mundial foi acusado de não ter levantado a voz contra o fascismo e o nazismo.



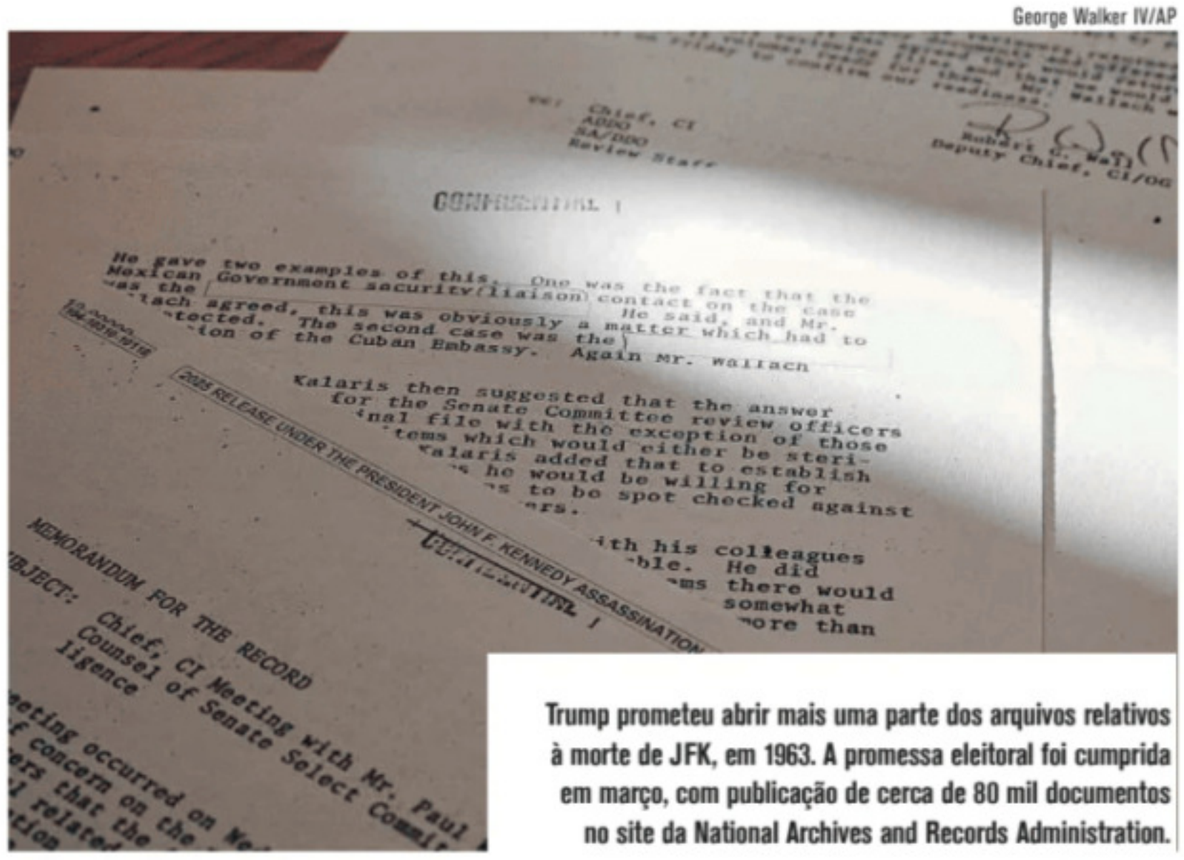
Gregorio Borgia/AP



Gregorio Borgia/AP



George Walker IV/AP



Trump prometeu abrir mais uma parte dos arquivos relativos à morte de JFK, em 1963. A promessa eleitoral foi cumprida em março, com publicação de cerca de 80 mil documentos no site da National Archives and Records Administration.

te JFK, assassinado em Dallas, em 1963. Esse momento trágico na história dos EUA tem alimentado muitas teorias da conspiração. A promessa foi cumprida em março, com publicação de cerca de 80 mil documentos no site da National Archives and Records Administration (NARA).

Até agora não houve grandes revelações sobre o conteúdo desses ficheiros. A versão oficial é a de que o atirador Lee Harvey Oswald agiu sozinho. Mas os documentos levantam a suspeita de que o regime cubano poderia estar envolvido indiretamente, uma vez que o atirador visitou a embaixada de Cuba no México antes de cometer o crime.

A ordem executiva de Trump visa ainda desclassificar os restantes registos federais sobre os assassinatos do político Robert F. Kennedy e do ativista Martin Luther King Jr, em 1968.

Em abril passado, também o Presidente argentino, Javier Milei, decidiu publicar no site do Arquivo Geral da Nação (AGN) documentos secretos com informações sobre nazis que fugiram para a Argentina depois da II Guerra Mundial.

Os documentos em causa já tinham sido desclassificados em 1992, mas só podiam ser consultados numa sala do AGN. De acordo com a imprensa internacional, esta decisão de Milei surgiu depois de um encontro com elementos do Centro Simon Wiesenthal, uma organização internacional que combate o antissemitismo e de um pedido do senador republicano dos EUA, Chuck Grassley.

Os arquivos têm o registo de mais de 60 nazis que viveram na Argentina, alguns com identidade falsa. Entre eles estão oficiais das SS, funcionários administrativos de campos de concentração e técnicos ligados à indústria de defesa do regime hitleriano, que entraram no país entre 1945 e 1952 com o apoio de simpatizantes e setores do Governo argentino.

A informação disponibilizada indica que houve movimentações financeiras em bancos argentinos, aquisição de propriedades e vínculos com empresas privadas, o que leva a crer que parte desses fugitivos teve uma vida confortável e apoio durante décadas, diz a imprensa argentina. Esta informação é relevante para os historiadores do Holocausto, para entender o que permitiu a permanência destes nazis na América do Sul, durante o Governo de Perón.

"A Igreja não tem medo da História", disse o Papa Francisco em 2019 quando anunciou a desclassificação dos dossiês no Arquivo Secreto do Vaticano (hoje Arquivo Apostólico do Vaticano) referentes ao pontificado do Papa Pio XII, entre 1939 e 1958. O líder da Igreja Católica no tempo da II Guerra Mundial foi acusado de não ter levantado a voz contra o fascismo e o nazismo. Esta decisão de Francisco disponibilizou mais de 40 mil documentos aos investigadores que têm vindo a ser estudados desde então.

De acordo com o jornal Corriere della Sera, há documentos que revelam que o Papa teria conhecimento do que se passava nos campos de concentração nazis. O jornal cita uma carta encontrada por um arquivista do Vaticano, com a data de 14 de dezembro de 1942, que foi escrita pelo padre jesuíta Lother König, membro da resistência na Alemanha, e enviada ao secretário particular de Pio XII, onde conta pormenores sobre o extermínio de milhares de judeus nos campos nazis de Belzec, Auschwitz e Dachau.

O QUE AS CARTAS À VIRGEM REVELAM

Não só os arquivos do Vaticano, mas também o do Santuário de Fátima têm dado informação relevante para conhecer a história, revela o jornalista António Marujo, especialista em assuntos religiosos. Foi lá que pesquisou o Correio de Nossa Senhora em 2019, que há poucos anos já guardava mais de 8 milhões de documentos enviados pelos devotos desde os anos 1930, que só ficam acessíveis para consulta 50 ano depois da sua data. Procurava cartas e mensagens que chegaram ao Santuário sobre a guerra, em particular a guerra colonial.

"Não tinha muita consciência do que ia encontrar", confessa. Mas "à medida que fui consultando as mensagens, sobretudo as cartas, tive a perceção de que a opinião das pessoas foi mudando com a passagem do tempo". Se no início havia aquela ideia de que "vamos para Angola e vamos dar cabo daqueles terroristas que são comunistas", depois "as pessoas vão percebendo que a guerra não tem solução e que há pessoas a morrer". O tom passa a ser: "nossa Senhora, acaba com a guerra." Essa pesquisa resultou no livro "A Caixa de correio de nossa Senhora", publicado em 2020 pela Temas & Debates, e em várias reportagens no Expresso e na SIC, neste caso em parceria com o jornalista Joaquim Franco.

"Para a reportagem televisiva falámos com um especialista que nos dizia que só estudar a caligrafia das pessoas já daria um Tratado", refere o jornalista. Nas mensagens, oriundas de pessoas de diferentes idades, condições sociais e origens geográficas, "percebe-se o país analfabeto que tínhamos há 60 anos, porque as pessoas escreviam com muitos erros ortográficos e com uma deficientíssima estrutura gramatical". E fica também evidente que "muitas pessoas pediam a outras para escrever".

No fundo, conclui, "há ali uma série de elementos, antropológicos, linguísticos, sociais...a todos os níveis." As histórias que foi lendo também permitem fazer um retrato social onde as paixões proibidas, o alcoolismo, os conflitos familiares, as dívidas, as zangas com outras pessoas, os abusos, a violência... "está lá tudo". W



A ESQUINA DO RIO

MANUEL FALCÃO
O AUTOR ESCREVE COM A ANTIGA ORTOGRAFIA

WWW.FACEBOOK.COM/MFALCAO
TWITTER: @MFALCAO
INSTAGRAM: MFALCAO

SEMANADA



• Segundo o jornal The Portugal News, no concelho de Vila do Bispo, 44% dos votos nas recentes eleições foram de estrangeiros residentes, mas Albufeira, Lagos, Aljezur, Loulé e Tavira registaram também uma percentagem superior a 30% • segundo o INE, Portugal registou no ano passado um crescimento efetivo de população para um total de 10.749.635 pessoas, mais 110 mil, no sexto ano consecutivo de aumento de residentes feito à custa da imigração • um inquérito realizado a 2.300 estudantes conclui que um elevado número se sente triste e 40% consome psicotrópicos • há mais estudantes no ensino superior que também trabalham, e no ano letivo 2023-2024 ultrapassavam já os 41 mil, representando 9,2% do total de inscritos, a percentagem mais alta dos últimos 10 anos de trabalhadores-estudantes • três em cada quatro utilizadores de bicicletas e trotinetas não usam capacete, um número significativo deles passa sinais vermelhos, anda em cima de passeio e não faz sinais de mudança de direcção • a GNR deteve, em apenas quatro horas na madrugada de 13 de junho, 50 condutores nas principais vias de acesso à Área Metropolitana de Lisboa, a maioria por conduzir sob o efeito de álcool • quase 31% dos portugueses possuem ou beneficiam de seguro de saúde • em Maio, havia 1.644.807 utentes sem médico de família, mais 42.230 que no mesmo mês de 2024 • o concurso nacional para a colocação de médicos recém-formados em medicina geral e familiar voltou a ficar aquém das necessidades: das 5.685 vagas abertas, apenas 231 foram preenchidas, ou seja, só 39% tiveram interessados • o concelho da Azambuja só tem um médico do SNS para quase 19 mil utentes.

ARCO DA VELHA

Na lista das duas dezenas de pessoas sinalizadas como pertencendo à milícia neonazi, pelo menos quatro são agentes da PSP e um deles fazia a avaliação do uso de armas pelos candidatos a entrar na organização.

BACK TO BASICS

"As melhores piadas são perigosas, e são perigosas precisamente porque mostram a verdade"

Kurt Vonnegut

MANOBRAS PERIGOSAS

O que é feito da legislação sobre utilização de telemóvel enquanto se conduz? Aqui há uma dezena de anos, fui (bem) multado por ir a conduzir com o telemóvel encostado ao ouvido. Hoje, muitos veículos têm dispositivos de alta voz que permitem que se fale sem ter uma mão a pegar no aparelho e isso facilita as coisas. Mas vejo cada vez maior número de pessoas a ler e enviar mensagens pelo telemóvel e tenho a sensação que um número considerável de acidentes ocorrem porque há quem se distraia a ler ou escrever e acabe por bater no carro da frente quando este trava ou reduz a velocidade. Mas outro caso igualmente grave ocorre com as aplicações usadas pelos motoristas de TVDE – que, enquanto conduzem, as manuseiam, quer a procurar chamadas de clientes, quer a procurar direcções. Estar a conduzir ao mesmo tempo que se olha e manuseia o ecrã do smartphone não me parece uma boa ideia, e tenho curiosidade de saber se a legislação sobre a utilização de telemóvel enquanto se conduz permite este tipo de manobras. Neste fim de semana, em Lisboa, constatei que mais de metade dos carros em circulação no percurso pelo centro da cidade que tive de efetuar eram TVDE, que contribuem muito para o congestionamento de trânsito. Não sei o que se passa hoje nas escolas de condução e nos exames de motoristas de TVDE – não os ensinam a fazer piscas quando querem mudar de direcção? Não sabem que inverter o sentido no meio de um traço contínuo é uma manobra perigosa? Alguém tem de pôr cobro a isto – quer na eventual utilização ilegal de telemóveis durante a condução, quer na falta de cumprimento de normas básicas do código de estrada. Assim, não é de admirar o elevado grau de sinistralidade rodoviária que temos.

DIXIT

"Sentar uma piada no banco dos réus é uma ideia bizarra" **Ricardo Araújo Pereira**



UM AVISO

Na semana passada, a conselho de voz amiga, fui ler "Desconhecido Nesta Morada", da escritora norte-americana Kathrine Kressmann Taylor, editado recentemente em Portugal. Este curto romance foi publicado em 1938 e assume a forma de uma troca de cartas entre dois amigos que fundaram uma galeria de arte em São Francisco. Um deles, Martin, decide em 1932 voltar para a Alemanha, que era a sua terra natal, enquanto Max, de origem judia, fica nos Estados Unidos a gerir a galeria. O romance – melhor dizendo, a troca de cartas – espelha a época do nascimento e crescimento do partido nacional-socialista até tomar o poder, segue a transformação ocorrida em Martin, que procura justificar as perseguições e culmina no progressivo afastamento dos dois amigos – ao ponto de Martin se recusar a auxiliar uma irmã de Max, que acabou por ser morta por nazis que perseguiam judeus. Martin, defensor da nova ordem, descrevia Hitler como "uma espada desembainhada" e relatava que "a Alemanha levanta a cabeça bem alto entre as nações do mundo" e "segue o seu Glorioso Chefe rumo ao triunfo". O livro foi banido pelos nazis, tornou-se um êxito internacional, foi traduzido para mais de 20 línguas e lido por milhões de pessoas em todo o mundo. Numa das cartas, Max escreve a Martin: "Esta censura, esta perseguição aos espíritos livres, o incêndio de bibliotecas e a degradação das universidades haveriam de merecer a tua indignação, mesmo que ninguém tivesse levantado a mão contra os da minha raça". É uma das derradeiras cartas, até que, algum tempo depois, Max recebe devolvida uma nova missiva que tinha enviado a Martin, com o carimbo "Desconhecido Nesta Morada", o sinal de que o seu amigo tinha desaparecido, também ele vítima de um regime que defendia. Na semana em que se soube dos planos de milícias de extrema-direita para atacar o parlamento português, e em que se assiste de forma cada vez mais frequente a tentativas de condicionar, calar e punir a liberdade de opinião, este é um livro a não perder. Edição Livros do Brasil Colecção Dois Mundos.



OS AMBIENTES DE CASQUEIRO

"Daltónica" é o titulo da nova exposição de Pedro Casqueiro na Galeria Miguel Nabinho (Rua Tenente Ferreira Durão 18, a Campo de Ourique). Casqueiro, que fez o curso de Pintura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa na primeira metade dos anos 1980, expõe regularmente desde 1981, e a sua obra foi apresentada em instituições como a Fundação Gulbenkian, o Museu de Serralves, a Fundação EDP, a Fundação PLMJ ou a Colecção Berardo e também em museus internacionais em Espanha, Bélgica Alemanha e Estados Unidos. Partindo de uma base de desenho, Casqueiro tanto pode avançar em evocações arquitetónicas como em abstracções, misturando referências a banda desenhada com ambientes que evocam imagens pop. As 13 obras expostas, sob o título genérico "Daltónica", têm diferentes dimensões, desde os 50x50cm até 200x130cm, com preços que vão desde os 3.700 euros até aos 21.500. Há também formatos muito diferentes, alguns que fogem às formas mais usuais, no que é também, afirma o artista, um caminho que quer explorar no futuro. Nestas novas obras há uma utilização diferente de combinações de cores e Pedro Casqueiro afirma que uma boa parte do seu processo criativo se baseia na exploração do equilíbrio de cores. Algumas das obras retomam ideias existentes em obras anteriores, desenvolvendo-as, outras baseiam-se em desenhos e ilustrações que consulta, como um livro de patentes, e até em músicas que ouve enquanto trabalha. A exposição pode ser vista até 6 de Setembro.

ALMANAQUE

O Centro Pompidou, inaugurado em 1977, vai entrar em obras até 2030 e, enquanto os trabalhos não começam, apresenta no espaço da Biblioteca Pública de Informação, até 22 de Setembro, uma ambiciosa exposição do artista alemão Wolfgang Tillmans intitulada "Nothing could have prepared us – Everything could have prepared us", que ocupa uma área de seis mil metros quadrados. A exposição percorre 35 anos da carreira de Tillmans e mostra a sua fotografia da arquitectura ao retrato, passando por naturezas mortas, trabalhos documentais e abstracção.

ROTEIRO

Começo por recomendar uma visita ao Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa (Rua da Palma 246), onde Eurico Lino do Vale apresenta até final de Setembro a exposição "Do Teatro ao Retrato". A exposição apresenta uma visão da produção fotográfica do autor, realçando a componente cenográfica que tem sido constante no seu trabalho. Com curadoria de António Pedro Mendes e Sofia Castro, são mostradas fotografias tiradas em diversas épocas e situações, com predominância para retratos nos quais os ambientes são preparados e os fotografados são dirigidos como protagonistas de uma encenação (na imagem). É apresentada, pela primeira vez, a série "Fotografias Num Contexto de Moda", em que o próprio Eurico Lino do Vale é o protagonista. Também são inéditas imagens de um projecto ainda em curso, "Adolescentes do século XXI".



Esta é uma das mais interessantes exposições de fotografia de autores portugueses já apresentadas este ano.

Mas esta semana há mais para ver: a Galeria da Avenida da Índia reabre vocacionada para acolher a colecção de arte contemporânea que a autarquia lisboeta vem adquirindo desde 2016. Nesta exposição, com curadoria de Sara Antónia Matos e Pedro Faro, sob o título "WHO WHERE / QUEM ONDE", figuram sete dezenas de obras de uma colecção que já vai em 200 peças. Na exposição estão nomes como Ana Cardoso, Ana Jotta, Ana Vidigal, André Cepeda, Ângela Ferreira, António Júlio Duarte, Gabriel Abrantes, Inês d'Orey, Jorge Queiroz, Jorge Molder, Luisa Cunha, Manuel Rosa, Paulo Brighenti, Paulo Nozolino, Patrícia Garrido, Rita Gaspar Vieira e Rui Chafes, entre outros.



JAZZ À GUITARRA

Colocar a guitarra no centro de um conjunto de músicos de jazz é sempre um desafio. A norte-americana Mary Halvorson, compositora e guitarrista, sai-se bem. O seu novo disco, "About Ghosts", mantém ao lado da guitarrista o trompetista Adam O'Farrill, o trombonista Jacob Garchik, a vibrafonista Patricia Brennan, Nick Dunston no baixo e Tomas Fujiwara na bateria, no fundo o mesmo grupo do disco anterior, "Cloudward", considerado um dos melhores de 2024. Entre a improvisação e melodias muito rítmicas, os oito temas deste disco mostram uma grande diversidade, que vai desde a energia de "Full Of Neon", a faixa inicial, até "Eventidal", um deliciosa balada baseada na guitarra e vibrafone e outras faixas, como "Absinthian" e "Amaranthine" evocam sonoridades do bebop. O disco está disponível nas plataformas de streaming.

Weekend negócios



VIDAS DE PERIGO,
VIDAS SEM CASTIGO

MANUEL S. FONSECA
O AUTOR ESCREVE COM A ANTIGA ORTOGRAFIA

SEXTA
27.06.25

> **Percebe-se que estes corpos, por vezes a roçar o grotesco, tenham provocado alguns amargos de boca e esgazeado os olhos dos austríacos que os viram no começo do século XX.**

De olhos postos em quatro letras

Foi quase no último dia da Feira do Livro de Lisboa. Tantos livros e só pensava em mulheres nuas. Ia a descer o Parque Eduardo VII, caminhando em direcção ao brônzeo Marquês de leão à trela, e só pensava, ora vejam, em mulheres nuas. A culpa era do livro de poemas que levava na mão, esse "Bicho Carpinteiro", que as velhas musas ditaram a António Cabrita e que a Bárbara Assis Pacheco ilustrou com treze aguarelas: um escândalo em cores vivas, uma liberdade sexuada, um livro intumescente.

E foi o livro que me arrastou para a mais erótica memória que já me lambeu nessa casa de respeito que é qualquer museu. Aconteceu-me em Viena de Áustria, no Albertina Museum e a exposição era do pintor Egon Schiele.

Conto. Entrei em Egon Schiele, e entrou cada visitante, mesmo o mais pudibundo, pela mulher de saias levantadas. A saia da mulher que Schiele pinta pode ser verde ou vermelha, mesmo azul, mas a paisagem que revela tem sempre as quatro proibidíssimas letras dessa humana fenda que outro pintor disse ser a origem do mundo.

Essa feminina origem do mundo, essa palavra de quatro letras que é a mais impronunciável da nossa língua, abre-se e murcha, oferece-se e nega-se, incha ou seca, em centenas de telas de Schiele. Arrisco: durante um terço da sua vida os olhos de Schiele não fizeram outra coisa que não fosse estarem especados, ou melhor, avidamente enfiados numa juvenil, madura ou exangue e cansada vulva. (Com cinco letras a palavra já se pode dizer!)

Na pintura de Schiele a vulva surge nua, exposta, de um incandescente vermelho. É uma nudez interpretativa, mas impregnada pela tumefacta pulsão da vida: é possível que naquelas veias continue, um século depois, a correr sangue. Percebe-se que estes corpos, por vezes a roçar o grotesco, tenham provocado alguns amargos de boca e esgazeado os olhos dos austríacos que os viram no começo do século XX.

Schiele era o protegido de outro pintor, Gustav Klimt. E Schiele herdou-lhe não só o culto erótico da mulher nua, mas também a amante de 17 anos. Depois, casou com outra mulher, mulher que pintou como tinha pintado a amante pouco mais do que "menina e moça", e como já antes pintara as adolescentes que levaram os juízes a acusá-lo de sedução e abuso: todas levantando muito as saias e de olhos em desmesurada abertura, com excepção da mulher que leva a mão e o dedo para a geografia das quatro impronunciáveis letras, dedo tão mais tacteante quanto mais os olhos se lhe cerram.

Absolvido pelos tribunais, a Europa das artes sentenciou-o à genialidade de que as paredes do Albertina Museum são prova cabal.

E deixem-me falar de um dedo português. O dedo português está indelevelmente enfiado nesse Albertina Museum que acolhe a tão perturbante arte de Schiele. Emanuel Teles da Silva, descendente pela parte da mãe dos Condes de Tarouca, filho do Embaixador português, tornou-se cidadão austríaco e conselheiro de Carlos VI, tutelando com devoção a educação da infanta Maria Teresa, que depois seria imperatriz. Foi o dedo desse Conde de Tarouca que transformou as fortificações de um bastião militar no palácio de que fez sua habitação, o palácio Tarouca, que é hoje o Albertina Museum.

E continuo a caminhar, Parque Eduardo VII abaixo, o "Bicho Carpinteiro" de Cabrita e Bárbara na mão, rubros falos, negras vulvas lá dentro, a pensar que ao pobre Schiele os deuses só deram oito anos de trabalho, entre 1910 e 1918, ano em que a gripe espanhola o ranfou da vida. Em oito anos, de olhos postos para onde esta crónica não se cansa de apontar, Schiele ganhou as asas da imortalidade. w

Eric Vandeville/ Gamma-Rapho

